

Tentativas de Resistência na Arte

Attempts of Resistance in Art

Thays Alves Costa¹

Resumo: Trata-se de entender a arte e seu desdobramento como ato de criação e de resistência – diante dos sistemas de exclusão e de dominação sociocultural – a partir de algumas ideias de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Tais posicionamentos foram analisados na medida em que possibilitam a compreensão de certas manifestações nas artes que evidenciam a ideia de resistência aos padrões pré-estabelecidos pelas sociedades de controle. Nesse sentido, propusemos uma leitura crítica, que valoriza o ato de criação por meio do diálogo com algumas produções contemporâneas brasileiras.

Palavras-chave: arte contemporânea, ato de criação, ato de resistência, sistemas de controle e de exclusão, cultura institucionalizada.

Abstract: *It is about understanding the art and the unfolding as an act of creation and resistance - before the systems of exclusion and socio-cultural domination - from some ideas of Michel Foucault and Gilles Deleuze. These positions were analyzed to the extent that makes possible the understanding of certain manifestations in the arts that evidence the idea of resistance standards established by control society. In this sense, we have proposed a critical reading, which values the act of creation through dialogue with some contemporary Brazilian productions.*

Keywords: *Contemporary art, act of creation, act of resistance, control and exclusion systems, institutionalized culture.*

¹ Cursa mestrado em Artes na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) - integra a linha de pesquisa "Estudos em História, Teoria e Crítica da Arte", o grupo de pesquisa "Crítica e experiência estética Gerd Bornheim", e o "Laboratório de Imagens e Subjetividade" vinculado ao PPGPSI. Licenciada em Artes Visuais, com a pesquisa intitulada "Considerações sobre a expressão na Arte Bruta". Atualmente, desenvolve a pesquisa "Os ideais de Jean Dubuffet para a concepção do termo Arte Bruta".

Introdução

Este artigo é um fragmento de uma pesquisa² iniciada em 2015, que visa refletir sobre as tentativas de resistência na arte e as problemáticas enfrentadas por alguns artistas que questionam as classes e/ou os sistemas dominantes que nos controlam, e conseqüentemente, têm a intenção de pensar na possibilidade de uma resistência à normatização cultural³. Dessa forma, com o interesse de iniciar uma discussão a respeito de questões que estão presentes em nosso cotidiano, como a censura e a padronização de certos discursos, entendo a necessidade de se provocar uma reflexão, ainda que de maneira concisa.

E para compreender questões relativas ao controle e à formação da sociedade, como também, aos sistemas dominantes, apresento alguns conceitos de Michel Foucault, como o de hierarquização do discurso e o de sociedades disciplinares, que permitem o desenvolvimento de um pensamento amplo que contempla outros campos do conhecimento e que, em minha opinião, podem ser necessários para entender o contra quem devemos resistir ou o porquê devemos resistir. No que diz respeito à obra foucaultiana é pensada a partir de relações como o saber e o poder, bem como, a sexualidade e que, por isso, apresentam perspectivas importantes para entender os sistemas dominantes. Portanto, a partir do conceito de discurso de Foucault, que se origina principalmente dessas relações de poder, e pode ser analisado começando delas, temos algumas definições do que é o discurso. O discurso como palavras saindo da boca de um professor, de um político, ou ainda, o discurso pensando como informação – como teorizou Gilles Deleuze –, formado por palavras de ordem. Mas o discurso também pode estar presente numa obra de arte, que grita mesmo sem se pronunciar. As sociedades disciplinares, por sua vez, nascem também, dessas relações de poder, em que há, por parte do líder, a necessidade de se controlar o povo, bem como o desejo de concentração do poder pelos grupos dominantes.

O propósito deste artigo é, pois, vincular as ideias de Foucault às de Deleuze, visando potencializar o “ato de criação” deleuzeano. Deleuze assim como Foucault, se interessou por assuntos inerentes à natureza humana e ambos, como consequência, intensificaram suas teorias, ligando-as a proposições culturais e sociais intrinsecamente políticas. O ato de criação, inicialmente proposto por Deleuze para pensar a relação entre cinema e literatura, também pode ser ponderado numa reflexão sobre as artes plásticas, uma vez que pode ser entendido como um ato de resistência na arte. Em outras palavras, o ato de criação também pode ser entendido como aquele que nasce da necessidade de expressão e da produção de um discurso. E para resistir aos sistemas dominantes, o ato de criação, além de ocasionar a expressão, gera a contrainformação, a qual, neste caso, se torna uma possibilidade de abalar os discursos e os sistemas que nos controlam. O gesto de Cildo Meireles, com a obra “Inserções em circuitos ideológicos: Projeto cédula” de 1976, que tentou resistir aos atos questionáveis e cruéis da ditadura militar brasileira, pode ser entendido como um ato de criação, já que objetivou conscientizar o povo a respeito das informações que circulavam pelo regime vigente. Foi o que também fez Nelson Leirner com a obra “O porco” enviada ao Salão de Brasília em 1967 com o intuito de questionar os critérios dos críticos de arte, responsáveis por definir o que devia ou não ser aceito como arte. Nessa perspectiva, deixo a pergunta: Mas como resistir à normatização cultural? Ou ainda: Como resistir aos sistemas dominantes que nos controlam? Dificil questão.

² Trata-se de minha monografia intitulada “Considerações sobre a expressão na arte bruta” defendida na Universidade Federal do Espírito Santo em 2015. Em que tracei um percurso que envolveu uma contextualização histórica e conceitos filosóficos como forma de interpretar a arte bruta.

³ A resistência à normatização cultural foi uma temática desenvolvida pelo artista francês Jean Dubuffet que se opunha a “soberania cultural europeia” e buscou dar visibilidades a outros tipos de produções artísticas, como a arte bruta, por exemplo. Essa linha de pensamento defendido por Dubuffet pode ser vista em sua produção teórica e principalmente, no ensaio “Cultura Asfixiante”, publicado em 1968.

Tentativas de Resistência na Arte

A arte está além de categorizações restritas, estabelecidas por críticos, colecionadores, historiadores, instituições, pesquisadores, ou até mesmo pelo senso comum. Embora a interpretação ou a leitura de arte implique o transitar por certos condicionamentos estéticos, históricos, sociais e formais, o alcance de sua expressão revela – e talvez por causa disso – um intenso cenário de transformações e de diferentes perspectivas. Para Étienne Souriau, em “Diccionario Akal de Estética” (1998), quando o artista se expressa, torna perceptível seu discurso, assim como também expõe seu universo de criação, que reflete seus traços e suas pulsões da sensibilidade, da subjetividade, do inconsciente e da imaginação. Nesse sentido, pode-se dizer que vida e obra se interpenetram, que acontece uma ligação natural, e que essa conaturalidade expressa a necessidade do ato criador. Contudo, a obra de arte não se reduz à vida do artista.

Dessa necessidade de expressão, de diálogo ou de comunicação, surge a linguagem. Maurice Merleau-Ponty, em “A Prosa do Mundo”, diz que a linguagem nos direciona através dos signos a descobrir suas significações. Para Merleau-Ponty, “é ela que nos atira ao que significa” (1974, p. 26). O artista se apropria das linguagens artísticas para produzir materialidade e vitalidade na expressão, assim como afirmar seu discurso. O que Michel Foucault denominou como discurso, pode se aplicar ao conceito ou poética do artista, pois considero a poética como aquilo que o artista quer dizer, consciente ou inconscientemente, em sua obra de arte.

O discurso é o que se quer dizer, expressar, manifestar ou ocultar, com uma função determinada ou não. Foucault, em “A ordem do discurso”, expõe as reverberações possíveis do discurso e suas funções, como também descreve suas implicações socioculturais. Para tanto, Foucault analisa uma sequência de interpretações sobre a comunicação da sociedade e seus sistemas de exclusão, a partir de relações de desejo e de poder (ou sexualidade e política). Constituem os três sistemas de exclusão foucaultianos: a interdição; a oposição entre razão e loucura; e a oposição entre o verdadeiro e o falso. Para Foucault, “dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade” (2002, p. 18), o terceiro foi o mais enfatizado, em função de seu suporte institucional e por enfeixar relações com a razão. Nessa linha, tudo o que não fosse considerado racional seria banido ou silenciado no discurso. É justamente aí que ganha força, em sua análise, a resistência aos sistemas e dispositivos dominantes.

De uma forma geral, o discurso pode se estabelecer como coisa pronunciada ou escrita, que vem acompanhado de algum desejo, vontade, temática, narrativa, expectativa, verdade, etc. Para Foucault, “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (Idem, p. 10) Nesse sentido, o discurso não é apenas uma luta, mas também aquilo pelo que se luta. Mesmo com imposições diante de seu estado de liberdade, o artista busca romper com os sistemas de dominação estabelecidos e transformar seu discurso em lutas que podem ser sociais, políticas, pessoais e etc. O artista procura alcançar liberdade de expressão, de criação, para produzir sua obra ou sua própria libertação através da arte.

O discurso não tem total liberdade para sua reprodução, visto que a sociedade tem regras estabelecidas, que se submetem aos interesses dos grupos dominantes. A partir do controle feito por tais grupos (regidos, muitas vezes, pela religião, estado, governo, regimes ditatoriais, determinadas classes sociais, entre outros), a sociedade pode conter, manipular, influenciar, evitar e deliberar sobre assuntos que coloquem em risco a concentração de poder. A censura pode ser entendida como uma dessas formas de conter o discurso e as lutas iniciadas, por meio de normas ou leis que servem para evitar, criminalizar ou proibir nosso acesso a certos discursos. As leis são criadas a partir de mecanismos ou dispositivos de poder que restringem nossa liberdade de ação.

A censura agiria como integrante de um sistema de exclusão do discurso e de seu enunciador perante a sociedade. Os sistemas de exclusão são maneiras de silenciar e anular determinados discursos. Nas artes, esses conflitos são frequentes. Inúmeras obras foram consideradas ofensivas ou imorais para as sociedades em suas respectivas épocas. Na maioria das vezes, as interdições são feitas por motivos sociais, políticos e religiosos. O que não é compreendido, conseqüentemente, é silenciado ou obliterado. Deste modo, obras já foram alteradas ou até mesmo destruídas por ações coercivas. Os artistas sofrem com a repressão e por não se adequarem aos padrões morais.

Como exemplo de censura, em 2015, foi noticiado que um professor publicou em seu perfil do Facebook⁴ a obra “A Origem do Mundo” (1866,) de Gustave Courbet, e teve sua conta excluída. O Facebook alega proibir qualquer postagem de material de nudez e conteúdo explícito, assim, os assinantes do Facebook podem denunciar imagens públicas que considerarem ofensivas e, como consequência, a imagem pode ser retirada e a conta excluída.



Figura 1: A Origem do Mundo. Gustave Courbet, 1866. Fonte: <<http://www.musee-orsay.fr>>

Atualmente, não estamos longe dessa realidade de opressão no Brasil⁵. Em realidades diferentes da nossa, também ocorrem situações de opressão e censura. Há diversos exemplos de

⁴ O professor francês Frederic Durand-Baïssas teve sua conta excluída do facebook após postar a obra *A origem do mundo* de Courbet, em 2016, Frederic entrou com um processo contra a empresa e afirmou que: “Estou realmente surpreso que um pintor do século XIX, cujo trabalho está no Musée d’Orsay seja tratado indiretamente como pornógrafo”. Disponível em: <http://www.osul.com.br>.

⁵ Em 2017, presenciamos esta realidade de opressão e de criminalização nas artes, com a exposição “*Queermuseu*”, realizada em Porto Alegre, as obras foram consideradas imorais pela nossa sociedade conservadora. O mesmo aconteceu

coerção e atitudes antidemocráticas. Em Londres, por exemplo, em 2014, a pintura de Leena McCall foi retirada da Exposição Anual da Sociedade de Mulheres Artistas. A obra “Retrato da Sra. Ruby May em Pé”, de McCall, foi considerada pornográfica por retratar uma mulher com pelos pubianos visíveis. Algumas obras censuradas e condenadas por muitos, com o passar do tempo, são reconhecidas e aclamadas.



Figura 2: Retrato da Sra Ruby May em Pé. Leena McCall, 2014. Fonte: <<http://noticias.bol.uol.com.br>>

Ditaduras também se encarregaram de reprimir a arte. Censurar a arte é uma forma de fazer com que a população se distancie de sua identidade ou de parte de sua história. Obras e monumentos foram destruídos e até mesmo roubados, foi o que fizeram os nazistas em plena Segunda Guerra Mundial. Passaram-se anos até que se descobrissem algumas obras roubadas. Várias obras modernas foram julgadas e rotuladas como “Arte degenerada”⁶. No Brasil, a ditadura militar utilizou a censura para reprimir seus opositores, dessa maneira, foi criada a Lei da Censura Prévia, para impedir a comunicação da Imprensa contrária aos interesses dominantes ditatoriais. O Regime Militar decidia o que seria publicado nos jornais e essa ditadura se mostrou intensa nas artes plásticas, no cinema, na literatura, na música e no teatro. Houve proibição de apresentações de teatro e música, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, assim como também houve prisão e sequestro de artistas. Os artistas lutam perante a sociedade e seus sistemas de dominação e de exclusão, através de ações coletivas que consistem em se apoderar da liberdade para se expressar artisticamente, defender seu discurso, que

com a performance de Wagner Schwartz, no MAM de São Paulo, em que o artista nu é tocado por uma criança, a população, nas redes sociais, a acusa a “arte” num contexto generalizado de promover a pedofilia.

⁶ “Arte Degenerada” foi uma expressão usada pelos nazistas para se referir a grande parte da produção de arte moderna, como as vanguardas europeias e artistas como Emil Nolde, Marc Chagall, Max Ernst, Paul Klee, Kurt Schwitters, etc. As obras eram consideradas “degeneradas” pelos nazistas que acreditavam que seu conteúdo era “moralmente prejudicial” para a população.

pode representar um gesto de luta, e vivenciar o ato de criar. A criação, na maioria das vezes, é o ato final, em que se estabelecem as relações que resultam em uma obra de arte.

Gilles Deleuze, em “O que é o ato de criação?”⁷, argumenta que há uma necessidade que nos impele ao ato criador, essa necessidade é, em certa medida, – sobretudo no caso da obra de arte – um ato de resistência. Nesse sentido, pode-se dizer que a expressão está ligada ao ato de invenção/criação. Para esclarecer a questão, Deleuze define comunicação como “a transmissão e a propagação de uma informação. Ora, uma informação, o que é? Não é complicado, todo mundo sabe: uma informação é um conjunto de palavras de ordem” (1997, p. 387-398). Deleuze pensa a ideia de informação relacionada aos sistemas de controle, ou seja, as informações são compostas por palavras de ordem para que as pessoas acreditem e aceitem a informação presente em determinado discurso. Partindo dessa ideia, a informação como sistema de controle poderia aparecer no discurso de um político, de um professor ou de um ditador. Esse princípio de sistemas de controle é analisado por Deleuze a partir de conceitos que também foram pesquisados por Foucault:

É verdade que entramos em uma sociedade que se pode chamar uma sociedade de controle. Um pensador como Michel Foucault analisa dois tipos de sociedades bastante próximas de nós. As que ele chamava de sociedades de soberania e outras que chamava de sociedades disciplinares. Foucault identificava a passagem típica de uma sociedade de soberania para uma sociedade disciplinar com Napoleão. A sociedade disciplinar se definia – as suas análises são justamente célebres – pela constituição de meios de enclausuramento: prisões, escolas, ateliês, hospitais. As sociedades disciplinares tinham necessidade disso. [...] Entramos nas sociedades de controle que se definem muito diferentemente das sociedades disciplinares. Aqueles que trabalham para o nosso bem não têm necessidade (ou não terão) mais necessidade de um meio de enclausuramento. Atualmente, as prisões, as escolas, os hospitais já são lugares em discussões permanentes. (Idem, 1997, p. 395)

É nesse cenário que Deleuze reflete sobre o que é ter uma ideia, na medida em que se efetiva uma criação ou uma invenção em cinema e/ou em filosofia. Para ele, uma ideia é um evento raro, que só acontece quando o artista, o filósofo ou o cientista se dispõem a trabalhar com as percepções e sensações de seu espectador. Em outras palavras, é toda uma experiência que se edifica e, esse acontecimento, como dito anteriormente, emerge a partir de uma necessidade de se expressar através da criação. Assim, “um criador faz apenas o que ele tem absoluta necessidade de fazer,” (Idem, 1997, p.391) ou ainda, aquilo que Deleuze chamou de ato de resistência, que é presenciado na arte e gera uma contrainformação.

A ideia de contrainformação pode ser relacionada à obra de Cildo Meireles, “Inserções em circuitos ideológicos”. Tal projeto, realizado ao longo da década de 1970, contava com a apropriação de objetos cotidianos de troca, nos quais o artista inseria frases direcionadas à sociedade brasileira. No “Projeto cédula”, Cildo Meireles carimbou em cédulas que retornaram à circulação, a seguinte pergunta “Quem matou Herzog?”. Enquanto o Brasil vivia uma realidade de ditadura, Cildo Meireles questionava os acontecimentos vividos no regime militar e a aparentemente forjada morte do jornalista Vladimir Herzog.

⁷ Referente à palestra proferida por Gilles Deleuze em 17 de maio de 1987 aos estudantes da FEMIS dentro do programa “Mardis de la Fondation”, filmada e transmitida em 18 de maio de 1989 sob o título *Qu'est-ce que l'acte de création ?*, assim como publicada parcialmente por Charles Tesson com o título *Avoir une idée en cinéma*, como parte de um volume coletivo sobre Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, por ocasião de seus filmes sobre Hölderlin e Cézanne, respectivamente (Éditions Antigone, 1990), única versão escrita aceita por Deleuze.



Figura 3: Inserções em circuitos ideológicos: Projeto cédula. Cildo Meireles, 1976. Fonte: <<http://www.inhotim.org.br>>

A obra de Cildo Meireles tem relações evidentes com a ideia de contrainformação. Por exemplo, quando utiliza uma frase questionadora e até mesmo provocadora para causar reflexão, não apenas sobre a morte do jornalista, como também sobre a situação brasileira naquele momento de opressão e de impacto na sociedade de consumo. A contrainformação também está no uso de uma forma da comunicação quase oculta. O questionamento não está explícito para todos, cédulas circularam, porém nem todos que tiveram contato perceberam a mensagem. Isso pode ser relacionado também a uma forma de expressão artística que pode transgredir imposições dos sistemas de dominação, de acordo com Foucault. O sistema de dominação e de exclusão, nesse caso, é a ditadura militar brasileira, que domina e exclui ao mesmo tempo o artista e também pode ser vista como uma forma de normatizar a cultura, pois buscou estabelecer padrões culturais em determinada época. O ato de resistência de Cildo Meireles foi a obra de arte realizada, pois constitui uma luta contra o que o sistema vigente lhe impôs. Resistir, naquele momento, para o artista, era continuar fazendo arte.

Nesse sentido a contrainformação pode agir diante dos sistemas de dominação e de exclusão, a fim de tornar a arte um ato de resistência, como apresentou Deleuze, afinal, “o que importa: a informação é exatamente o sistema de controle.” (idem, p. 395) O ato de resistência na arte ocorreria a partir da noção de tempo ou da duração da obra de arte, mas aqui a resistência é contra a normatização cultural feita pela ditadura. Para interpretar a questão da duração da obra de arte, Deleuze se vale das ideias de Malraux, quando este afirma que a arte é a única coisa que resiste à morte. Dito de outro modo, a arte resiste ao tempo. Perdurar como objeto é resistir ao tempo em termos de duração. E a esse aspecto se acrescenta o caráter da resistência como uma “forma de uma luta dos homens,” (idem, p. 398) que é um aspecto fortemente congruente com as colocações de Foucault a respeito do discurso. Deleuze alia a tais

posicionamentos o sentido da historicidade, na medida em que ressalta que “não há obra de arte que não faça apelo a um povo que não existe ainda” (ibidem).

O apelo ao povo pode tornar a arte uma resistência à normatização cultural, promovida pelos sistemas de dominação e de exclusão. Foi o que fez o artista brasileiro Nelson Leirner, ao questionar o sistema de arte, no qual está inserido. O sistema de arte, nesse caso, pode ser visto de duas maneiras: como de dominação e de exclusão, porque define o que é arte e entra no mercado e o que será conservado; e ainda como um normatizador cultural, pois busca padronizar conceitos de arte dentro de determinadas culturas.

Nelson Leirner envia um porco empalhado ao Salão de Brasília, em 1967. Leirner questiona a aceitação de sua obra e publica no jornal local, junto à foto de seu *happening* da crítica, a seguinte pergunta: “Qual critério dos críticos para aceitarem esse trabalho no Salão de Brasília?”. Leirner tornou visível sua crítica ao sistema de arte no momento em que usou a mídia local para questioná-la.



Figura 4: O porco. Nelson Leirner, 1967. Fonte: <<http://www.nelsonleirner.com.br/>>

Mas como resistir à normatização cultural? Essa é uma difícil tarefa, afinal, estamos inseridos em sistemas culturais, políticos e sociais, tanto de dominação, como de exclusão. A resistência nessa sociedade controladora poderia ser feita através de pequenas ações que questionem os sistemas dominantes, levando a população ao acesso a “contrainformação”, uma vez que, como vimos, a informação é propagada por esses sistemas, que buscam a concentração de poder. Nesse sentido, conscientizar o povo é uma tentativa de diminuir a alienação feita pelo Estado, pela mídia e pela religião, por exemplo. Resistir também é buscar estratégias que nos levem a uma diminuição no consumo, afinal, se somos controlados, é porque a concentração de poder tem em vista o controle do capital.

Na arte, as possibilidades de resistências são diversas e os artistas buscam estratégias para resistir, como vimos anteriormente. Atualmente, vivemos um retrocesso diante a questão da censura em nosso país, e, nesse momento, as tentativas de resistência se tornam importantes.

Considerações finais

A arte pode atingir uma potencialidade para abalar certos discursos que os sistemas dominantes nos impõem. Neste ano de 2017, presenciamos algumas resistências que colocaram em debate o discurso dominante religioso e moralista produzido e mantido por uma parte da sociedade brasileira, que se usou dos meios de comunicação para a circulação de informações sobre o assunto, as quais, na maioria das vezes, não eram bem fundamentadas ou coerentes. Assim, exposições como a *Queermuseu* foram atacadas por grupos que veicularam a ideia de que a exposição incitava a pedofilia ou continha imagens de nudez, por exemplo. Abalar certos discursos ou praticar resistências na arte pode ser uma tentativa, mesmo que pareça pequena, de conscientização da população sobre a necessidade de se produzir uma reflexão e de se realizar uma análise realmente crítica sobre as informações acessadas.

Acredito que quando alguns artistas se propõem a abalar determinadas estruturas sociais, estão resistindo à normatização cultural, o que me parece uma tarefa bastante árdua, porém bastante significativa. Mas, esses mesmos artistas intensificam, com essas ações ou práticas de resistência, o acesso do povo à contrainformação. Penso que, na arte, esse tipo de ação se torna cada vez mais necessário, uma vez que coloca em dúvida as informações que circulam e, desse modo, questionam discursos aparentemente coerentes que, no entanto, foram elaborados de maneira perversa e estrategicamente silenciadora e que, portanto, são capazes de gerar outros discursos preconceituosos e práticas de intolerância, incitando algumas vezes a violência. Em suma, podemos entender que a arte continua incomodando uma parte da sociedade que tenta silenciar o discurso do artista ou o discurso presente numa obra de arte e, por isso, mais do que nunca, deve continuar resistindo enquanto legítimo ato de criação.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- _____. *Qu' est-ce que l' acte de création?*. Paris: Éditions de Minuit, 2003.
- DUARTE, Rodrigo. Org. *O Belo Autônomo: textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema / Michel Foucault, organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta*. Tradução de Inês Autran Durado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O homem e a comunicação: A Prosa do Mundo*. Tradução de Celina Luz. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.

_____. *Conversas – 1948*. Tradução: Fábio Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne*. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Perreora. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Editora Ática, 2005.